AS OBRAS

DE

PEDRO NUNES

SUA CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA

POR

LUCIANO PEREIRA DA SILVA

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1925

Sala 5
Gab. 37
Est. 8
Tab.
N.º 38

AS OBRAS

DE

PEDRO NUNES

SUA CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA

POR

LUCIANO PEREIRA DA SILVA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1925

SEPARATA

DO

Arquivo de história e bibliografia — Vol. I

Frontispício do Tratado da Sphera, tirado do exemplar existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.
Dimensões do original, sem margens: $0^{m},255 \times 0^{m},169$

As obras de Pedro Nunes

Sua cronologia bibliográfica

A INDICAÇÃO das primeiras edições das obras de Pedro Nunes é apresentada com erros, que importa emendar, por todos os que se têm ocupado da biografia scientifica do notável matemático português. As informações dadas por Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana*, depois adoptadas, não são exactas. Ainda últimamente Rodolfo Guimarães, no seu consciencioso estudo *Sur la vie et l'oeuvre de Pedro Nunes*, publicado nos vols. IX e X dos *Annaes scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, se engana, seguindo a *Biblioteca Lusitana* e outras fontes. E tão convencido estava da existência da edição dos tratados latinos, sôbre a arte de navegar, de Coimbra, 1546, da qual se não conhece exemplar algum, que publicou depois, no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, ano III, 1916, pág. 28, um artigo intitulado — A edição de 1546 do livro de Pedro Nunes «De arte atque ratione navigandi» —, em que persiste no mesmo engano. Segundo as autoridades, por êle aí citadas, também teria sido conjuntamente impressa, nesse ano de 1546, a obra *In theoricas planetarum Georgii Purbachii annotationes aliquod*. Ambas foram, porém, pela primeira vez impressas em Basileia, 1566. O que nos permitiu estabelecer a verdade a êste respeito foi o exame do volume (de que possuímos um exemplar) *Petri Nonii Salaciensis Opera*, Basileae, 1566; da reedição desta mesma obra por António de Mariz, Coimbra, 1573, de que tem um bom exemplar a Biblioteca da Universidade de Coimbra; e do livrinho «*De navigatione, libri tres*, ab Jacobo à Saa, Parisiis, 1549», existente nesta mesma Biblioteca. Completaremos agora o que já expusemos no nosso artigo «A primeira edição dos tratados latinos sôbre a arte de navegar, de Pedro Nunes», publicado nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. II, Lisboa, 1921, págs. 98–101.

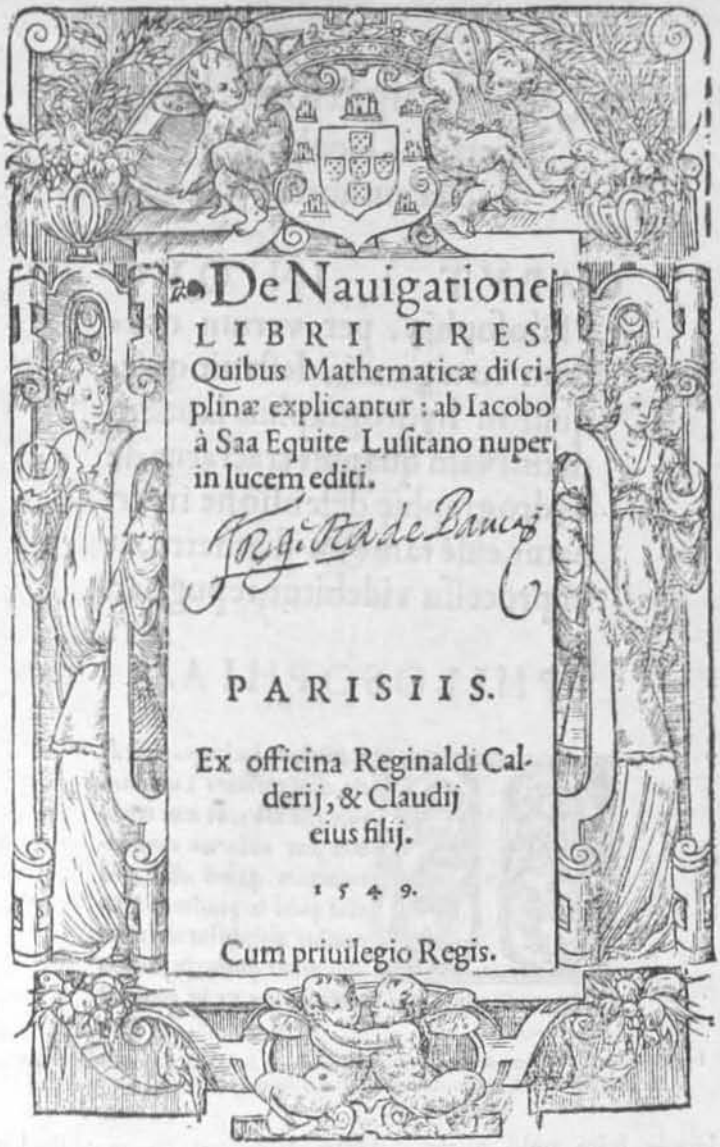
Ao *Tratado da Sphera*, tradução de Sacrobosco, impresso em Lisboa, 1537, juntou Pedro Nunes dous tratados originais

sôbre a carta de marear, muito importantes para a história da arte de navegar dos portugueses: *Tratado sobre certas duvidas da navegação* e *Tratado em defensam da carta de marear*. Ambas estas obras, muito modificadas e ampliadas, foram por êle traduzidas para latim e impressas, trinta anos depois, em Basileia, 1566, respectivamente com os títulos: *De duobus problematis circa navigandi artem Liber unus*, e *De regulis & instrumentis, ad varias rerum tam maritimarum quàm & cœlestium apparentias deprehendendas, ex Mathematicis disciplinis Liber II*. Os dois livros foram reimpressos em Coimbra, 1573, por António de Mariz, com o mesmo título em cada um dêles, mas acrescentando-lhes o título comum: *De arte atque ratione navigandi libri duo*. Mais tarde imaginou-se que Mariz reimprimira, não a edição de Basileia, mas uma edição dos mesmos livros, por êle feita em Coimbra no ano de 1546. Que isto não é verdade já mostrámos no citado artigo do vol. II dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, podendo resumir-se em três os nossos motivos.

Em primeiro lugar, António de Mariz só começou a imprimir em Coimbra no ano de 1556 (Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a historia contemporanea*, Coimbra, 1868, pág. 286, e Venancio Deslandes, *Documentos para a historia da typographia portugueza nos seculos XVI e XVII*, Lisboa, 1888, pág. 67). A obra de Pedro Nunes impressa em Coimbra, 1546, foi — *De erratis Orontii Finei* —, mas na oficina de João Barreira e João Álvares; a de Mariz não existia ainda.

Em segundo lugar, Pedro Nunes termina assim o *Argumentum prioris libri*, com que precede o primeiro livro: «Haec igitur cur ita fierent, sciscitabatur à nobis, causas tunc illi tradidimus coràm ut potuimus, scriptis deinde mandavimus *annis ab hinc triginta*, commentario uno edito de ea re Lusitano sermone, quem denique hoc tempore, ut non solum à Lusitanis, sed etiam ab aliis hominibus legi, atque intellegi possit, in Latinum vertere voluimus». Declara pois que êste livro, impresso em 1566, é tradução latina do comentário publicado *trinta anos antes* em português, sôbre as dúvidas que lhe propusera Martim Afonso de Sousa quando regressou do Rio da Prata, isto é, do *Tratado sobre certas duvidas da navegação*, impresso em Lisboa, 1537. E a prova da reimpressão de Mariz, em 1573, ter sido feita sôbre o volume de Basileia, é que nela se conserva textualmente êste mesmo passo, com a informação «annis ab hinc triginta» inalterada. Se Mariz reproduzisse a sua suposta edição de 1546,

aqueles trinta anos apareceriam reduzidos à têrça parte, intervalo decorrido de 1537 a 1546.



Frontispício da obra, *De navigatione libri tres*, de Diogo de Sá, Paris, 1549 (nas dimensões do original)

Finalmente o livrinho *De navigatione libri tres*, por Diogo de Sá, Paris, 1549, que é um libelo contra os dois tratados sôbre a carta de marear, de Pedro Nunes, mostra bem que, no ano de

1549, êles não tinham ainda sido traduzidos. Diogo de Sá verte para latim, «juxta literam», como êle diz, vários passos dos tratados portugueses de 1537, e a sua tradução literal é diferente

87

De Nauigatione liber Tertius, Iacobo à Saa authore.

CAPVT I. IN QVO Philoſophia, per verum modum nauigandi, deſtruit quicquid in hydrographiæ laudem dixit. Nam quanuis tractatus de hydrographię defenſione inſcribatur, eidē tamē ex diametro, vt in proceſſu videbitur, repugnat.

PHILOSOPHIA.

IN *tractatu hydrographiæ dicis, nauigationes Luſitanorum eſſe tales, vt non modò non ſint altiorum conſiderationum quàm aliæ, ſed etiā quòd in plurimas ignorantias abſtulerint nos: cum alijs rebus quibus in ſumma laudas nauigationes: ut particulariter & in qualibet re,*

Página da obra de Diogo de Sá em que o *Tratado em defensam da carta de marear*, de Pedro Nunes, é designado por *Tractatus de hydrographiae defensione*

da depois feita pelo autor. Além disso, ataca os tratados em pontos que foram modificados, e até suprimidos por Pedro Nunes na versão latina. Assim, ao *Tratado em defensam da carta de marear* designa Diogo de Sá por *Tractatus de hydrographiae defensione*, clamando que não pode chamar-se de *defensão* uma obra que acusa de falsidade a carta de marear; e o título latino,

depois adoptado por Pedro Nunes, é *De regulis et instrumentis, etc.* A leitura do opúsculo *De navigatione* deixa a impressão bem clara da não-existência, em 1549, dos dois livros publicados em Basileia, fornecendo assim a contraprova de ser a primeira edição a de 1566.

Como o volume de Basileia inclui, além dos dois livros referidos, a obra *In theoricas planetarum Georgii Purbachii annotationes aliquot*, a qual foi igualmente reproduzida por Mariz em 1573, imaginou-se que êle a tinha impresso também em 1546, juntamente com os tratados *De arte atque ratione navigandi.* É um novo êrro, generalização do primeiro, em que se tem insistido menos, mas que tem de rejeitar-se.

Podemos formar com verdade a seguinte relação das obras do insigne matemático do século XVI, à qual se deve acrescentar o folheto de 12 páginas, «*Astronomici introductorii de spaera epitome*, per Petrum Nonium Salaciensem», existente na Biblioteca da Ajuda, sem indicação de data.

1537

No dia 1 de Dezembro dêste ano, acabou de imprimir-se em Lisboa, por Germão Galhardo, o *Tratado da Sphera*, tradução portuguesa da *Sphaera* de Sacrobosco, a que se junta a *Theorica do Sol e da Lua*, traduzida de Purbáquio, e o *Livro primeiro da Geografia de Ptolomeo.* A obra contém ainda dois tratados originais de Pedro Nunes: o *Tratado sobre certas duvidas da navegação* e o *Tratado em defensam da carta de marear, com o regimento da altura.* É a única obra que publicou em português. Foi reproduzida em edição fac-similada pelo Sr. Joaquim Bensaúde, em Munich, 1915.

1542

No mês de Janeiro dêste ano acabou de imprimir-se em Lisboa, por Luís Rodrigues, a obra *De Crepusculis.*

1546

Neste ano imprimiu-se em Coimbra, por João Barreira e João Álvares, a obra *De erratis Orontii Finei, Regii Mathematicarum Lutetiae Professoris.*

1566

Em Setembro de 1566 acabou de imprimir-se em Basileia, na «Oficina Henricpetrina», o volume *Petri Nonii Saliciensis Opera*, o qual contém duas obras distintas. Primeiro: *De duobus problematis circa navigandi artem Liber unus*, e *De regulis & instrumentis, ad varias rerum tam maritimarum quàm & cœlestium apparentias deprehendendas, ex Mathematicis disciplinis Liber II.* Estes dois livros são a tradução para latim dos seus dois tratados de 1537, mas muito modificados e ampliados, terminando o segundo livro pela anotação ao problema mecânico de Aristóteles *De motu navigii ex remis.* A outra obra, com que fecha o volume, intitula-se *In Theoricas planetarum Georgii Purbachii annotationes aliquot.* São anotações à obra de Purbáquio *Theoricae novae planetarum*, da qual êle traduzira uma parte para português, a *Theorica do Sol e da Lua*, publicada em 1537.

1567

Publicou-se, em Antuérpia, o *Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria*, escrito em castelhano. A edição foi tomada por duas casas. Há exemplares em cujo frontispício se lê: «En Anvers. En casa de la Biuda y herederos de Juan Stelsio, 1567», e outros com a indicação: «En Anvers. En casa de los herederos de Arnoldo Birckman, 1567» (1).

1571

Neste ano imprime António Mariz, em Coimbra, as duas obras, *De Crepusculis* e *De erratis Orontii Finei*, que assim têm a sua segunda edição.

1573

António Mariz reimprime, em Coimbra, com o título *Petri Nonii Salaciensis, De arte atque ratione navigandi libri duo. Ejusdem in Theoricas planetarum Georgii Purbachii annotationes*: & *in Problema mechanicum Aristotelis... annotatio una*, a obra publicada em Basileia, 1566 (a qual assim entra na sua segunda edição), e junta-lhe os dois opúsculos por êle impressos

(1) Veja-se o nosso artigo *O Libro de Algebra de Pedro Nunes*, no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Ano I, 1914, págs. 87-95.

em 1571, emendando-lhes, porém, o último algarismo da data, de 1 para 3, aparecendo êles dêste modo remoçados, com a data 1573. No exemplar da Biblioteca da Universidade de Coimbra é bem visível a emenda.

1592

Neste ano imprime-se de novo em Basileia (per Sebastianum Henricpetri) o volume *Petri Nonii Salaciensis Opera*, o qual compreende, além das obras incluídas na edição de 1566, as outras duas, *De Crepusculis* e *De erratis Orontii Finei*, como fizera António Mariz. Assim as obras latinas de Pedro Nunes tiveram a sua terceira edição.

De tôdas as obras incluídas nesta lista existem exemplares. Referir-nos hemos ainda à edição de 1573. Na carta dedicatória a D. Sebastião, com que abre o volume, diz Mariz:

«Cum in *libros, de ratione navigandi*, praestantissimi viri Petri Nonii, incidissem, planè admiratus sum, quantum licentiae habeat nostra audacia in clarissimorum autorum opera. Erat sanè liber adeo depravatus ut certum naufragium facturus esset, qui *ea ratione* navigaret. Deerant non pauca, alia fuerunt temere substituta, omnia ita immutata, ut autor ipse partum non agnosceret, imo justo dolore commotus librum mendis undique scatentem, infamaret, ac exponeret. Quo circa ne contingat, viros (quos rarò natura gignit, ad opera republicae salutaria facienda) deterrit ab studio edendi ea, quae multis vigiliis & divino prope consilio consecuti sunt, timentes *librariorum inscitia* facili corrumpi posse, & adulterari. In animum induxi meum, meis sumptibus, prelo commitere idem opus, ab omnibus erroribus, vitiis, ac infamia vindicatum & in pristinum decorem restitutum: & quo maior accessio fieret, addendum putavi ejusdem autoris libros, DE ERRATIS ORONTII FINŒI, & DE CREPUSCULIS jam *olim apud nos editos*, & ab eorundem utilitam ac doctrinam nunc maxime desideratos».

Dêste passo, em que sublinhamos algumas palavras, quer Rodolfo Guimarães concluir, no seu citado artigo do *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Ano III, pág. 28, que António Mariz reimprimia, em 1573, a tal suposta edição da obra *De arte atque ratione navigandi*, de 1546. Mas as suas considerações são inconsistentes. Para se interpretar bem

êste passo é preciso saber-se que o volume de Basileia, 1566, foi impresso com muitos erros, como podemos verificar no nosso exemplar. A seguir à tábua das matérias e à estampa da Rosa dos ventos, vem uma longa errata com uma massa compacta de muitas emendas, tanto do texto como das figuras, que se estende por quatro páginas de grande formato ($0^m,225 \times 0^m,140$). Impresso o livro longe do autor, teve êle de lhe juntar uma abundante lista de emendas.

É aos erros desta edição, e não de cópias manuscritas (1), que Mariz dirige os seus exagerados remoques, fazendo o reclamo da sua nova impressão, em que aliás se aproveita das emendas apontadas. Entende Rodolfo Guimarães que Mariz, quando fala dos livros *de ratione navigandi*, não pode referir-se à obra de Basileia, em cujo título *(Petri Nonii Salaciensis Opera, etc.)* se não lêem estas palavras. Mas lêem-se na Epistola, de Pedro Nunes ao leitor, que abre o volume de 1566: «Paucula quaedam afferemus, candide Lector, *de navigandi ratione*, quo facilius ea quae in hoc Commentario continentur, percipere possis». E assim pôde o livreiro conimbricense exprimir o seu gracejo, que quem navegar, dirigindo-se por tais livros *(ea ratione)*, corre para naufrágio certo. A *librariorum inscitia*, que atrás se lê, é outro bote atirado ao colega basiliense Henrique Peres, oficial do mesmo oficio. E por fim, é só das suas obras *De erratis Orontii Finei* e *De Crepusculis* que êle diz: *olim apud nos editos*, referindo-se à impressão de 1571.

Apontaremos um dos erros tipográficos da edição de Basileia, 1566, que se relaciona com a vida do autor. No alto da pág. 209 lê-se: «Exempli gratia, sit anno Domini 1592 quo ego natus sum». Ora não podia ter nascido em 1592 o autor do livro impresso em 1566. Na errata, porém, encontra-se a emenda do número 1592 para 1502, que é assim o ano verdadeiro do nascimento de Pedro Nunes, corrigido por êle próprio. Na edição de Coimbra, 1573, pág. 135, encontra-se a data correcta «anno Domini 1502». Na edição de Basileia, de 1592, pág. 209, reproduz-se de novo o êrro da de 1566: «anno Domini 1592», mas desta vez sem errata que

(1) Rodolfo Guimarães junta ao trecho acima transcrito a versão portuguesa pelo Doutor José Maria Rodrigues, na qual se traduz *librariorum inscitia* por *ignorância dos copistas*. Mas o próprio ilustre tradutor nos disse, ao tempo da publicação dêsse artigo, que o informara ter a palavra *librarius* tanto a significação de *copista* como a de *livreiro*. R. Guimarães preferiu a primeira versão por julgar ser essa a verdadeira, mas é aos editores que Mariz se refere.

Frontispício da obra de Pedro Nunes, *De Crepusculis*, 1.ª edição, Lisboa, 1542, por Luís Rodrigues (no tamanho do original)

o corrija, segundo nos informa o Sr. Frederico Oom, eminente director do Observatório da Tapada da Ajuda, em cuja biblioteca existe um exemplar desta impressão de 1592. Ora foi um exemplar desta época que serviu de base a Delambre para o capítulo VI da sua *Histoire de l'astronomie du moyen age*, intitulado *Nonius*, com o subtítulo «*Petri Nonii Salaciensis Opera, Basileae, 1592*».

O capítulo começa assim: «L'auteur était né en 1492». ¿Onde foi Delambre buscar esta data de nascimento? Naturalmente lendo aquele passo «anno Domini 1592 quo ego natus sum», evidentemente errado, mas sem indicação da emenda, pensou que o êrro estaria no algarismo das centenas e fez a correcção de 1592 para 1492, em vez de a fazer no algarismo das dezenas, de 1592 para 1502. Enganou-se, mas é um engano que bem se explica. Assim, tanto a data errada de 1492, que outros biógrafos reproduziram, como a data exacta, 1502, do nascimento de Pedro Nunes, provêm ambas daquele trecho, que se encontra na obra *In theoricas planetarum G. Purbachii annotationes*, lida e analisada por Delambre, e o que acabamos de dizer confirma a verdade da última data.

No nosso estudo *A Astronomia dos Lusíadas*, Coimbra, 1915, pág. 11, afirmamos, com a autoridade de Barbosa Machado, que a obra *In theoricas planetarum G. Purbachii annotationes* fôra publicada em 1546, quando a verdade é que ela só apareceu seis anos antes da impressão dos *Lusíadas*. Quando escrevemos, para a *Historia da colonisação portuguesa do Brasil*, o capítulo intitulado *A arte de navegar dos Portugueses desde o Infante a D. João de Castro*, não entrámos em consideração com os livros latinos a que Mariz pôs o título *De arte atque ratione navigandi*, por termos averiguado que êles se publicaram em ano muito posterior à época que nos interessava. Emfim, para se estudar tôda a obra de Pedro Nunes e a sua influência, é preciso estabelecer primeiro a ordem exacta em que foram aparecendo os seus diferentes livros, e essa ordem cremos não restar dúvida ser a que fica exposta.

Coimbra, Outubro de 1923.

A PRIMEIRA EDIÇÃO DOS TRATADOS LATINOS SOBRE A ARTE DE NAVEGAR, DE PEDRO NUNES.

(Dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, série II, vol. II, 1921, págs. 98-101)

Martim Afonso de Sousa, regressando, em 1533, da sua viagem pelas costas do Brasil, expôs a Pedro Nunes duas dúvidas, suscitadas pela navegação que acabara de fazer. Uma delas resultava de ter êle observado, quando o Sol estava no equador, isto é, nos dias dos equinócios, que o Sol lhe nascia sempre em leste, em qualquer lugar em que navegasse, ao norte ou ao sul da linha, donde concluia Martim de Sousa que, navegando com a prôa sempre em leste, iria ter ao equador; e tal não acontecia, pois, com a prôa constantemente neste rumo, percorria um mesmo paralelo. A outra dúvida provinha de, quando o Sol andava no trópico de Capricórnio, o ter visto nascer ao sueste e quarta de leste, estando Martim de Sousa em 35 graus de latitude austral: êle esperava que, nesta situação ao sul dos trópicos, o Sol lhe nascesse ao nordeste e quarta de leste. A resposta a estas dúvidas faz objecto do *Tratado que ho doutor Pero Nunes fez sobre certas duvidas da navegação*, o qual se encontra no *Tratado da Sphera*, publicado em Lisboa, em 1537. Aí explica Pedro Nunes: «Satisfiz eu a estas duvidas per palavras ho milhor que pude: e todavia determinei descrever ho que nisso me pareceo: porque se não perdesse meu trabalho: em cousa que, segundo eu estimo: he a principal parte pera quem deseja saber como se ha de navegar per arte e per rezão». Foram estas preguntas de Martim de Sousa que levaram Pedro Nunes ao estudo da curva loxodrómica, tão importante na cartografia marítima.

O mesmo tratado aparece, traduzido para latim com o título *De duobus problematis circa navigandi artem*, no volume publicado na cidade de Bâle: *Petri Nonii Salaciensis Opera*, Basileæ, 1566. No *Argumentum prioris libri*, que serve de prefácio a êste tratado, Pedro Nunes, depois de expôr o objecto das preguntas que Martim de Sousa lhe fez, termina por dizer:

«Haec igitur cur ita fierent, sciscitabatur à nobis, causas tunc illi tradidimus coràm ut potuimus, scriptis deinde mandavimus annis ab hinc triginta, commentario uno edito de ea re Lusitano

sermone, quem denique hoc tempore, ut non solum à Lusitanis, sed etiam ab alijs hominibus legi, atque intelligi possit, in Latinum vertere voluimus.»

Assim êle explica que traduz então para latim, para poder também ser lido pelos que não fôssem portugueses, o tratado sôbre as dúvidas de navegação que publicara trinta anos antes (Lisboa, 1537) em português. Assim o próprio Pedro Nunes indica que esta é a primeira edição do tratado latino. «*De duobus problematis circa navigandi artem Petri Nonii Salaciensis liber unus.*»

No *Tratado da Sphera*, Lisboa, 1537, ao *Tratado sobre certas duvidas da navegação* segue-se o *Tratado em defensam da carta de marear*. Este último, vertido para latim, mas muito ampliado e abrangendo 27 capitulos, aparece no volume de Basilea, 1566, com título muito diferente: *De regulis et instrumentis, ad varias rerum tam maritimarum quàm et coelestium apparentias deprehendendas, ex Mathematicis disciplinis, Liber II.*

Os dois livros, tradução e ampliação dos dois tratados portugueses de 1537, foram depois impressos em Coimbra por António de Mariz, em 1573, com o título: *De arte atque ratione navigandi libri duo.*

Há muito tempo se vem afirmando que António de Mariz imprimira os mesmos tratados latinos já no ano de 1546, em Coimbra. Esta falsa afirmação provém de um êrro bibliográfico de Barbosa Machado, que, no artigo sôbre Pedro Nunes da *Biblioteca Lusitana*, dá esta indicação: «*De arte, atque ratione navigandi libri duo,...*», Conimbricae apud Antonium Mariz Univ. Typ. 1546. fol. & Basileae apud Henricum Petrum 1566. fol.». Ora António de Mariz começou a imprimir em Coimbra em 1556 (1), e foi no ano de 1573 que êle imprimiu as mesmas obras de Pedro Nunes, contidas no volume da edição de Bâle, 1566, juntando-lhe mais duas: *De erratis Orontii Finaei* e *De Crespusculis*, impressas por êle em 1571. A penúltima, *De erratis O. Finaei*, é que fôra impressa em 1546, em Coimbra, pelos livreiros João de Barreira e João Alvares, e não por Mariz, que só começou a imprimir dez anos depois. O *De Crepusculis* foi impresso pela primeira vez em Lisboa, no ano de 1542, por Luis Rodrigues.

Da existência da edição de 1546 dos dois tratados latinos abrangidos na designação «*De arte atque ratione navigandi*» duvidou o ilustre professor da Universidade de Goettingen, Sr. Hermann

---

(1) Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a historia contemporanea*, Coimbra, 1868, p. 286.

Wagner, num estudo publicado em 1915 (1), fundando-se na informação do próprio Pedro Nunes, que atrás transcrevemos, contida no *Argumentum prioris libri*, da edição de Bâle, 1566. Rodolfo Guimarães, sem ter lido os motivos do professor alemão, acode em defesa da tão falada e nunca vista edição, num artigo intitulado — A edição de 1546 do livro de Pedro Nunes «De arte atque ratione navigandi» — inserto no *Boletim da Biblioteca da Univerdade de Coimbra*, ano III, 1916, pag. 28 a 36. Os argumentos, porém, de Rodolfo Guimarães não são convincentes, nem o podiam ser.

Da não existência de tal edição dá-nos uma contraprova segura o livrinho «*De navigatione libri tres*, ab Jacobo à Saa, Parisiis, 1549», que ùltimamente tivemos ocasião de analisar. Juntamos a reprodução fac-similada do frontispício da obra, e da página em que começa o *Liber tertius*. É um libelo contra Pedro Nunes. Diogo de Sá ataca os dois tratados portugueses contidos no *Tratado da Sphera*, de 1537, tornando-se evidente que, no ano em que escreve, 1549, não existiam ainda os tratados latinos.

Diogo de Sá, navegador e homem dado ao estudo das letras, como êle próprio declara, apresenta a sua obra sob a forma de um diálogo entre a Filosofia e a Matemática, fazendo notar que, de certo ponto em diante, a Matemática apenas repete literalmente o que Pedro Nunes escreveu: «Etiam notandum est, quòd ubi dicitur, Hic incipit Tractatus Doctoris Petri Nonij, dein quicquid Mathematica dixerit, est quod ipse Doctor juxta literam dixit, Philosophia autem illi contradicit» (fol. 6, v.).

Transcrevemos, para exemplo, um trecho do que diz a Matemática (folha 67, v.), e juxtapomos, para comparação, o passo correspondente que se lê na 3.ª página do *Tratado sobre certas dúvidas da navegação:*

MATH. Causa autem hujus est, quòd quanvis in horizontis centro, unde profecti sumus, circulus magnus supradictus cum meridiano angulos faciat rectos in loco unde profectus fuit: ut convenit, ut divisus remaneat horizon in quatuor æquales quartas: quum tali loco egredimur, statim horizonta mutamus, et per consequens meridianum. Et tunc meridianus no-

E a rezam disto he: porque posto que no centro do horizonte donde partimos: fezesse ho circulo grande sobredito com o meridiano angulos reitos: como convem pera ficar repartido o horizonte em quatro partes iguaes. tanto que saymos fora do tal lugar logo mudamos o horizonte: e pello conseguinte o meridiano: e já o meridiano novo não corta ao cir-

(1) H. Wagner, *Gerhard Mercator und die ersten Loxodromen auf Karten*, in *Annalen der Hydrographie*, Hamburg, Band 43, pag 309.

vus circulum magnum non secat, quà iter faciebamus, cum angulis rectis: imò alterum inæqualem facit, qui in cosmographia vocatur angulus positionis locorum. Qui angulus relinquitur extra triangulum quem duo meridiani faciunt cum circulo per quem pergimus. Et angulus primus qui nobis ostendebat iter quod faciebamus, ad quam partem procederet, intus relinquitur.

culo grande per que faziamos nosso caminho com angulos reitos: mas faz outro desigual: que se chama em cosmographia angulo da posição dos logares: ho qual angulo fica de fora do triangulo que fazem os dous meridianos: com o circulo per que ymos. e o primeyro angulo que nos amostrava o caminho que faziamos pera que parte fosse: fica de dentro.

A comparação das duas colunas mostra bem que Diogo de Sá põe na boca da Matemática a tradução literal do tratado português de Pedro Nunes. A versão latina, porém, feita pelo próprio Nunes, é muito diferente. O passo correspondente do tratado latino, que se encontra na página 3, da edição de Bâle, 1566, e na fôlha 1, v., da edição de Coimbra, 1573, é o seguinte:

«Causa est quòd in eo loco de quo proficiscimur, meridianus cum verticali rectos efficit angulos. Caeterùm ut ab eo discedimus, sub ipso verticali perducti, in novum protinus horizontem, novumque incidimus meridianum. Novus itaque meridianus cum verticali prioris loci pares angulos non efficit, velut antea, sed potius impares. Quorum alter exterior est in sphaerico quodam triangulo ex ipsis meridianis et eodem verticali constituto, positionis angulus situsve à Geographis apellatus: alter verò interior est ei oppositus qui ad verticem prioris loci, quò nam tenderemus indicabat».

Temos assim duas versões latinas do mesmo trecho, a primeira, literal *(juxta literam)*, feita por Diogo de Sá, e a última por Pedro Nunes. Se os tratados latinos tivessem sido publicados em 1546, era o próprio latim de P. Nunes que Diogo de Sá teria posto na boca da Matemática. Além disso êle ataca os tratados portugueses em pontos que são modificados, e até suprimidos, nos tratados latinos; se êstes existissem, tal ataque não teria já razão de ser. Na reprodução junta, da primeira página do *Liber tertius*, vê-se que Diogo de Sá designa o «Tratado em defensam da carta de marear» por «Tractatus de hydrographiæ defensione». Adiante insurge-se contra êste titulo, pois não deve chamar-se *de defensão* um tratado que não faz senão acusar de falsidade a carta de marear: «aut quonam pacto hic tractatus intitulari poterit defensio hydrographiæ? quum, his rationibus omnibus falsa habeatur» (folha 95, r.). Esta censura mostra bem que não existiam ainda os tratados latinos, pois o segundo dêstes, como já dissemos, se intitula «De regulis

et instrumentis, etc.», e não «De hydrographiæ defensione». A leitura da obra de Diogo de Sá leva sempre à mesma conclusão.

Do que temos exposto resulta que o facto de não ter aparecido exemplar algum da suposta edição de 1546, dos tratados latinos de Pedro Nunes sôbre navegação, tem uma explicação bem simples e natural: tal edição não existiu. O estabelecimento da verdade nesta questão é importante para quem se ocupe da história da arte de navegar dos portugueses. Tais tratados tiveram a sua primeira edição em Bâle, 1566; a segunda em Coimbra, 1573; e a terceira em Bâle, 1592.

Luciano Pereira da Silva
Prof. da Univ. de Coimbra.